

30 - AS CADEIAS AGROALIMENTARES DO AÇÚCAR: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE A FRANÇA E O BRASIL

Autores:

Taís Mahalem do Amaral - tamaral@dc.com

Prof. Dr. Marcos Fava Neves

Instituição:

Universidade de São Paulo

Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto

Resumo:

O objetivo central deste artigo é uma análise comparativa entre a **produção** e a **indústria**, paulista e francesa, dentro da cadeia produtiva do setor açucareiro, tomando como base analítica a *Teoria da Organização Industrial* e a *Economia dos Custos de Transação*.

Com relação à **produção**, o artigo buscou destacar a origem da matéria-prima, a área cultivada, os rendimentos e a quantidade de produtores na França e no Estado de São Paulo. No âmbito das **indústrias**, o trabalho identificou a quantidade das agroindústrias processadoras (Usinas), suas capacidades, os grupos e a composição desses grupos que atuam no setor. A análise comparativa avaliou também as relações e as transações entre a produção e a agroindústria mediante contratos e a influência do ambiente institucional no setor.

Como objetivos específicos, este artigo analisou a atuação das políticas protecionistas no mercado de açúcar, identificou como o setor está regulamentado e fez uma breve análise dos processos recentes de fusões, internacionalizações e alianças estratégicas do setor.

Área temática:

Agribusiness

Palavras-chave:

Açúcar, Comercialização, Transações, Cana-de-açúcar e Beterraba

Título:**AS CADEIAS AGROALIMENTARES DO AÇÚCAR: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE A FRANÇA E O BRASIL****Autores:***Taís Mahalem do Amaral**Prof. Dr. Marcos Fava Neves***Instituição:***Universidade de São Paulo**Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto***Resumo:**

O objetivo central deste artigo é uma análise comparativa entre a **produção** e a **indústria**, paulista e francesa, dentro da cadeia produtiva do setor açucareiro, tomando como base analítica a *Teoria da Organização Industrial* e a *Economia dos Custos de Transação*.

Com relação à **produção**, o artigo buscou destacar a origem da matéria-prima, a área cultivada, os rendimentos e a quantidade de produtores na França e no Estado de São Paulo. No âmbito das **indústrias**, o trabalho identificou a quantidade das agroindústrias processadoras (Usinas), suas capacidades, os grupos e a composição desses grupos que atuam no setor. A análise comparativa avaliou também as relações e as transações entre a produção e a agroindústria mediante contratos e a influência do ambiente institucional no setor.

Como objetivos específicos, este artigo analisou a atuação das políticas protecionistas no mercado de açúcar, identificou como o setor está regulamentado e fez uma breve análise dos processos recentes de fusões, internacionalizações e alianças estratégicas do setor.

Área temática:*Agribusiness***Palavras-chave:*****Açúcar, Comercialização, Transações, Cana-de-açúcar e Beterraba***

1. INTRODUÇÃO

A problemática proposta neste artigo é o estudo comparativo das cadeias produtivas do açúcar entre o Brasil e a França. Porque o estudo entre esses dois países?

Sabe-se que o Brasil está entre os três maiores produtores de açúcar do mundo e assume o primeiro lugar como exportador de açúcar produzido a partir da cana-de-açúcar. A França, por sua vez, é o primeiro produtor mundial de açúcar de beterraba e o primeiro produtor de açúcar da União Européia, quando consideramos a produção do açúcar a partir da cana-de-açúcar vinda das Regiões do “Outre-mer”¹ (DOM).

O setor sucroalcooleiro brasileiro poder ser dividido em duas regiões bastante distintas: Norte-Nordeste² e Centro-Sul³, cujas vocações, estratégias e níveis de produtividade são bastante diferentes. Neste trabalho, o estudo comparativo proposto, será feito principalmente entre o Estado de São Paulo e a França, visto que em São Paulo, estão localizadas 133 usinas das 235 da Região Centro-Sul e representa 56.58% da área cultivada do país, enquanto toda a região Norte-Nordeste possui apenas 20.76% da área cultivada e apenas 96 usinas (Moraes, 2000).

Sétima produtora de açúcar depois do Brasil, Índia, China, EUA, Austrália e México, a França é a primeira produtora mundial de açúcar de beterraba ganhando da Alemanha e dos Estados Unidos. A França também, além de dispor de características excepcionais para a cultura de beterraba como o *knowhow* dos agricultores, os progressos da economia açucareira foram sustentadas por uma melhoria dos rendimentos que são hoje os mais elevados da União Européia (CEDUS – *Centre d’Etude et de Documentation du Sucre*)⁴.

A indústria açucareira francesa é um elemento essencial da riqueza econômica do país e compreende dois setores de atividades: a usina de açúcar de beterraba metropolitana e as refinarias e usinas de cana-de-açúcar das regiões do “*Outre-mer*”, que são formados pelas Regiões da Reunião no Oceano Índico e Guadalupe e Martinica nas Antilhas. O regulamento europeu fixou cotas de produção a essas três regiões do “*Outre-mer*” que representam atualmente 5% da produção total de açúcar francesa⁵.

Existem 12 regiões situadas ao norte da região do *Loire* que representam, aproximadamente, 86% da área plantada de beterraba destinada à produção de açúcar. A mais importante dessas regiões foi, em 1999, a região de *Aisne* que representou mais de 71.000 hectares de plantação de beterraba, seguida pela região de *Marne* com 54.323 hectares.

É sabido que o Brasil possui o menor custo de produção de açúcar do mundo sem subsídio, ou seja, sem um financiamento considerável do governo como observado de forma agressiva em muitos países da Europa - principalmente na França - nos Estados Unidos, China, Rússia, entre outros. O custo do açúcar brasileiro representa a metade do custo do segundo produtor de açúcar mais eficiente do mundo, a Austrália. O açúcar hoje é um dos produtos mais protegido do mundo, porém, por mais que os produtos brasileiros enfrentem muitos entraves na exportação, o mundo compreende que não são por questões de qualidade, mas sim por barreiras em vigor em países desenvolvidos e em mercados potenciais. Devido a este fato é que muitas alianças estratégicas, fusões e aquisições vêm ocorrendo, principalmente entre grandes operadoras francesas, comercializadoras de açúcar, e as usinas da Região Centro-Sul do Brasil, mas principalmente do Estado de São Paulo.

¹ Internet - site: www.lesucre.com

² Os seguintes Estados fazem parte da Região Norte-Nordeste: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe e Tocantins.

³ Da região Centro-Sul fazem parte: São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Rio Grande do Sul.

⁵ Informações retiradas do site francês www.lesucre.com 2002

2. OBJETIVOS

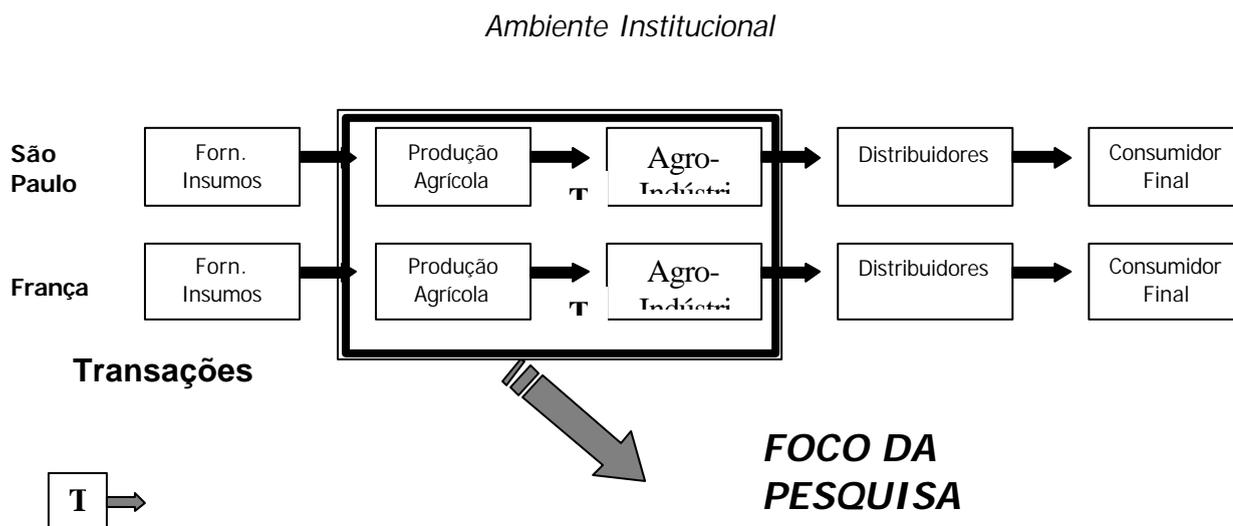
O objetivo central do presente estudo, de acordo com a Figura 1, está concentrado em uma análise comparativa entre a **produção** e a **indústria**, paulista e francesa, dentro da cadeia produtiva do setor açucareiro, tomando como base analítica a *Teoria da Organização Industrial* e a *Economia dos Custos de Transação* (dentro da chamada Nova Economia das Instituições).

Com relação à **produção**, o estudo buscará destacar a origem da matéria-prima, a área cultivada, os rendimentos e a quantidade de produtores na França e no Estado de São Paulo. No âmbito das **indústrias**, o trabalho identificará a quantidade das agroindústrias processadoras (Usinas), suas capacidades, os grupos e a composição desses grupos que atuam no setor. Finalmente será feita análise comparativa avaliando as relações e as transações entre a produção e a agroindústria mediante contratos e a influência do ambiente institucional no setor.

Os *objetivos específicos* deste trabalho são:

- Avaliar a atuação das políticas protecionistas no mercado de açúcar.
- Identificar como o setor está regulamentado.
- Analisar brevemente os processos recentes de fusões, internacionalizações e alianças estratégicas do setor.

Figura 1: Desenho linear - foco da pesquisa na cadeia produtiva do açúcar



3. METODOLOGIA

A metodologia deste estudo incluiu, em um primeiro momento, um levantamento bibliográfico, valendo-se de estudos e pesquisas sobre Organização Industrial, Economia dos Custos de Transação e Cadeias Produtivas, presentes na literatura nacional e internacional.

Foi feita uma revisão bibliográfica em livros, teses e alguns textos recentes sobre o setor açucareiro e o mercado de açúcar do Brasil e da França como jornais, revistas e *sites* especializados, além da análise da literatura francesa sobre o assunto.

Em um segundo momento, foi realizada uma pesquisa exploratória utilizando-se de entrevistas em profundidade que foram feitas com especialistas do assunto. Procurou-se conversar com algumas instituições ligadas ao setor estudado, tais como Orplana, Unica, Copersucar, Sucden, USDA e INRA.

A definição de Pesquisa Exploratória é dada por Malhotra, como sendo: *“um tipo de pesquisa que tem como principal objetivo o fornecimento de critérios sobre a situação-problema enfrentada pelo pesquisador e sua compreensão”* (Malhotra, 2001).

A utilização das entrevistas em profundidade se justificam pois constituem um tipo de método de obtenção de dados qualitativos e se caracterizam como entrevistas não-estruturadas, diretas, pessoais, em que um único respondente é testado por um entrevistado, para descobrir motivações, crenças, atitudes e sentimento sobre um determinado tópico (Malhotra, 2001).

Dessa maneira, este estudo apresentou uma análise comparativa das cadeias produtivas do açúcar segundo o modelo de Estrutura-Conduta-Desempenho da Organização Industrial e uma análise dos contratos e regulamentos do setor no contexto atual.

4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Nesta parte da pesquisa, três corpos teóricos foram abordados. São eles:

4.1) Cadeias produtivas

Cadeia (*filière*) é uma seqüência de operações que conduzem à produção de bens. Sua articulação é amplamente influenciada pela fronteira de possibilidades ditadas pela tecnologia e é definida pelas estratégias dos agentes que buscam a maximização dos seus lucros. As relações entre os agentes são de interdependência ou complementaridade e são determinadas por forças hierárquicas. Em diferentes níveis de análise, a cadeia é um sistema, mais ou menos capaz de assegurar sua própria transformação (Morvan, 1985).

Este mesmo autor apresenta a noção do uso múltiplo do conceito de cadeia. Considera ele que o conceito pode ser utilizado para analisar e descrever o sistema, servindo adicionalmente como uma ferramenta de gestão, seja aplicada à definição de estratégias no plano da firma ou ao apoio e desenho de políticas governamentais. (Zylbersztajn, 2000).

Entende-se que um sistema agroindustrial (SAG) específico seja composto por firmas com distintos níveis de coordenação vertical. Entre estas são realizadas transações que podem se dar via mercado ou contratos (formais ou informais). As instituições (regras do jogo) estabelecem o ambiente no qual as transações ocorrem e interferem tanto na definição dos objetivos das organizações quanto nas estruturas de governança adotadas (Farina et alli, 1997).

O conceito de cadeia produtiva é usado para descrever as cadeias e entender como os agentes estão organizados ao longo do processo de transformação até o consumidor final.

4.2) Teoria da Organização Industrial

Schere & Ross (1990) definem o escopo da OI como sendo a análise de “como os processos de mercado orientam as atividades dos produtores no sentido de atender a demanda dos consumidores, como esses processos falham e como se ajustam, de modo a alcançarem um desempenho, o mais próximo possível, de algum padrão ideal” (Scherer & Ross, 1990).

Segundo Farina et alli (1997) o interesse pela disciplina sustenta-se porque “os estudos têm uma influência direta e contínua na formulação e implementação de políticas públicas tais

como a escolha entre empresa pública e privada, a regulamentação ou desregulamentação das indústrias de utilidade pública, a promoção da concorrência mediante políticas anti-truste e de livre-comércio e o estímulo do progresso tecnológico por meio de concessão de patentes e subsídios” (Scherer 1990).

Outro aspecto da Organização Industrial é que ela determina quais as condições de um mercado que podem tornar necessária a intervenção estatal. É necessário verificar a existência de falhas de mercado nos elos da cadeia produtiva que justifiquem a intervenção estatal, cuja natureza vai depender dos tipos de imperfeições existentes (Moraes, 2000).

Dessa maneira, a Teoria da Organização Industrial (OI) tem como objetivo as estruturas imperfeitas de mercado, seus padrões de concorrência e as implicações para a política pública e para as estratégias empresariais (Scherer & Ross, 1990).

A Teoria da OI é necessária para levantar a estrutura das cadeias produtivas e identificar as possíveis condutas dos agentes que a compõem.

4.3) Economia dos Custos de Transação

A ECT trabalha em um ambiente de racionalidade limitada, caracterizado pela incerteza e informação imperfeita. Dessas duas características do ambiente econômico decorrem os custos de transação, cuja minimização vai explicar os diferentes arranjos contratuais que cumprem a finalidade de coordenar as transações econômicas de maneira eficiente (Farina et alli, 1997).

No âmbito da ECT, a organização dos mercados resulta da minimização dessas mesmas transações, a saber: especificidade dos ativos envolvidos; frequência e duração das transações; complexidade e incerteza quanto aos resultados; dificuldade de mensuração do desempenho e das instituições (Farina et alli, 1997).

A ECT aborda não apenas os custos de fabricação e os aspectos técnicos, mas também os custos de transação. Assim, pode-se entender como as empresas adotam diferentes níveis de integração vertical de acordo com os custos de transação vigentes (Vian, 2002).

Segundo Coase, os custos de transação poderiam ser divididos em duas espécies: custos de coleta de informações e custos de negociação e estabelecimento de um contrato. Os custos de transação são custos não diretamente ligados à produção, mas que surgem à medida que os agentes se relacionam entre si e problemas de coordenação de suas ações emergem. (Farina et alli, 1997).

*Oliver Williamson reconhece a **Organização Industrial** como sendo o campo de especialização que mais se aproxima da **Economia dos Custos de Transação**. Ambas estão preocupadas em desvendar a seguinte questão: a que propósito serve a substituição da organização de mercado – em que o produto é vendido, sem restrição, por um preço uniforme – por formas mais complexas de contrato (Williamson, 1985).*

*Segundo este autor, as respostas a essa questão central podem ser divididas em dois grandes grupos. O primeiro procura a explicação na busca do **poder de mercado** e o segundo na busca da **eficiência**. O primeiro é tipicamente uma abordagem de OI e o segundo de ECT. Ambas são, obviamente, complementares e parciais (Farina et alli, 1997).*

Assim, a Economia dos Custos de Transação é usada para analisar como os produtores e as indústrias se organizam.

5. CARACTERIZAÇÃO DAS CADEIAS PRODUTIVAS DO AÇÚCAR DE SÃO PAULO E DA FRANÇA E SUAS TRANSAÇÕES.

5.1) Caracterização da Produção

Origem da matéria-prima

Primeiramente, deve-se destacar que em relação a origem da matéria-prima o Brasil e a França se diferenciam bastante, pois no primeiro país, a produção de açúcar é feita única e

exclusivamente a partir da cana-de-açúcar. Porém, no segundo, a produção do açúcar é feita majoritariamente a partir da beterraba, com uma pequena participação da cana-de-açúcar cultivada pelas regiões *d'Outre Mer* (DOM).

Número de Produtores

No Estado de São Paulo, segundo dados obtido na Orplana 2001/02 (Organização dos Plantadores de Cana do Estado de São Paulo) existem hoje 11.199 fornecedores de cana-de-açúcar para as indústrias processadoras do Estado, totalizando 43.151.850 toneladas de cana entregue para processamento.

Segundo o *Centro de Estudos e Documentação do Açúcar* (CEDUS) da França, existem hoje, neste país, 35.000 produtores de beterraba açucareira que produzem cerca de 27.300.000 toneladas de beterraba em uma área de aproximadamente 2,5% das terras agricultáveis francesas.

Área plantada, Produção de matéria-prima e Rendimentos

Como pode-se observar na Tabela 1, os rendimentos das plantações de cana-de-açúcar do Brasil e de beterraba da França apresentam valores próximo, o que mostra alta produtividade das culturas dos dois países. Quando é feita a razão entre o valor das produções pela área colhida tem-se, aproximadamente, nos dois países, 65 toneladas de açúcar por hectare. Por outro lado, percebe-se que a produção francesa é altamente produtiva pois, a área plantada neste país, representa 8,5% da área plantada em todo o Brasil.

Tabela 1: Quadro comparativo do açúcar: Área plantada, Produção de açúcar e Rendimentos por hectare

Cana de Açúcar BRASIL	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
Área colhida (Ha)	4.559.060	4.750.300	4.814.080	4.985.820	4.898.840	4.845.990	4.973.300
Produção de cana (ton)	303.699.488	317.105.984	331.612.672	345.254.976	333.848.000	327.704.992	345.942.016
Rendimento (ton/Ha)	66,61	66,75	68,88	69,24	68,14	67,62	69,56
Beterraba FRANÇA	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
Área colhida (Ha)	458.000	460.000	462.000	456.000	443.824	410.000	429.000
Produção de beterraba (ton)	30.571.000	31.211.000	34.372.000	31.156.000	32.919.000	31.131.000	26.841.000
Rendimento	66,74	67,85	74,39	68,32	74,17	75,92	62,57

(ton/Ha)							
----------	--	--	--	--	--	--	--

Fonte: FAOSTAT Database Result 2002

5.2) Caracterização da Indústria

Existem hoje 133 unidades processadoras de cana-de-açúcar no Estado de São Paulo, das quais 98 são usinas e 35 são destilarias. Na França é 35 o número de usinas implantadas sobre 16 regiões situadas no Norte e Nordeste do país. Nas regiões *d'Outre Mer* (DOM), 5 usinas processam aproximadamente 2,7 milhões de toneladas de cana-de-açúcar por ano.

Conseqüência direta de uma atividade sazonal, as usinas francesas trabalham durante os 3 últimos meses do ano, porém com um ritmo bastante elevado (até 2.400 horas em 100 dias, contra 1.920 horas por usina que trabalham 40 horas por semana durante um ano).

A agroindústria dentro da cadeia produtiva da cana-de-açúcar brasileira gera 1,2 milhão de empregos diretos no país e 600 mil postos de trabalho no Estado de São Paulo, sendo o piso salarial, em média, 70 % superior ao salário mínimo (Orplana, 2002).

A relevância do agronegócio sucroalcooleiro no Brasil, é nítida, pois representa 8% do Produto Interno Bruto (PIB) agrícola nacional e 35% do PIB agrícola paulista. A importância sócio-econômica da atividade atinge 350 municípios do Estado de São Paulo. As usinas e destilarias no Brasil trabalham praticamente o ano todo.

Os grupos e a composição dos grupos agroindustriais do setor açucareiro

Na França hoje, existem 17 empresas que exploram as 35 usinas implantadas sobre as regiões já destacadas. A distribuição da produção de açúcar francesa por empresa pode ser identificada na Tabela 9. Nesta mesma tabela também estão relacionadas as empresas que fazem parte de cada um dos grandes grupos produtores e comercializadores de açúcar no país.

Tabela 2: Distribuição da produção de açúcar (França metropolitana) por empresa

GRUPOS	1990/91 (em %)	2000/2001 (em %)
Eridania Beghi-Say	35,8	22,7
Saint Louis Sucre (1)	22,5	20,6
Groupe SVI (2)	10,8	10,9
Groupe CFS	13,0	11,0
4 Maiores	82,1	65,2
Cooperatives (FCB) (3)	14,8	16,0
Groupe USDA (4)	10,1	11,8
SA (maioria de capital dos produtores)	1,8	2,6
Grupos Médios	26,7	30,4
Outras organizações	4,5	4,4
Total	100	100

Fonte: www2-cgb-france.fr, 2001

(1) engloba as seguintes empresas : SLS e 50 % da SNCS.

(2) engloba as seguintes empresas : SVI, Touroy e SAFBA.

(3) engloba as seguintes empresas: cooperativas da FCB, SFS e 50 % da SNCS.

(4) engloba as seguintes empresas: SDA, Sucrière de Bucy-le-Long e Artenay

Como pode-se observar, os quatro maiores grupos franceses, no ano de 2001, foram responsáveis por 65% da produção total de açúcar no país. Isto caracteriza um mercado competitivo, pois a estrutura de mercado apresenta elevada concentração, porém com um grande número de empresas médias e pequenas que formam uma franja competitiva. Este tipo de oligopólio competitivo se caracteriza como um mercado fragmentado de produto homogêneo ou com baixa diferenciação, como é o caso do açúcar.

Já no Estado de São Paulo, existem 3 grandes grupos, que somados, representam 63% de toda a cana plantada no Estado. São eles:

Tabela 3: Relação da produção de açúcar dos maiores grupos do Estado de São Paulo

Grupos	Ton cana	Milhões de ton açúcar	% Prod. açúcar
COPERSUCAR	60.000.000	3.6000.000	22,3%
COSAN	14.861.889	1.300.000	8%
CRYSTALSEV	19.000.000	1.200.000	7,5%
Os 3 maiores	93.861.889	6.100.000	37,8%
Total	148.256.436	16.119.000	100%

Fonte: elaborada a partir de dados adquiridos nos websites das respectivas empresas. 2001

Estes três grupos, no total, englobam 50 usinas, dentre as quais muitas delas fazem parte do grupo das 10 maiores do Estado de São Paulo.

6) CARACTERIZAÇÃO DAS RELAÇÕES ENTRE PRODUÇÃO X INDÚSTRIA

Regulamentação e Desregulamentação do Setor

França

Para regular seu mercado interno de açúcar, a União Européia estabeleceu um regime de cotas, juntamente com a criação de um protocolo de importação para apoiar a produção dos países da União.

Com o objetivo de regular este mercado, em 1968, a União Européia instaurou um «Regulamento do Açúcar» no qual a última versão foi modificada em 1995 para ser colocada em conformidade com as obrigações internacionais impostas para a UE na Organização Mundial de Comércio (OMC). Este regulamento estabelece cotas de produção (A e B) para os Estados-Membros, garante uma receita mínima aos produtores de beterraba e determina um preço estável e racional para o açúcar. Com essas cotas de base, a UE satisfaz suas necessidades internas de açúcar. A produção excedente é escoada para o mercado mundial custeada pelos próprios produtores (o regime é auto-financiado sem necessidade de pedir ajuda ao orçamento público).

Para apoiar o desenvolvimento de um certo número de países da África, Caribe e do Pacífico e garantir suas receitas de exportação, a União Européia se propõe a comprar, ao preço garantido para estas comunidades (ou seja, preço mais caro que o negociado no mercado mundial), aproximadamente 1,3 milhão de toneladas de açúcar, dentro do modelo do protocolo e do estabelecimento que se renova periodicamente (Convenção de Cotonou assinada em 2000).

A cada Estado-Membro é atribuído dois tipos de cotas – são chamadas respectivamente de cota A e cota B – que se distinguem exclusivamente pela taxa de participação de estocagem do açúcar produzido sobre este regime.

Somente o açúcar produzido sobre o regime de cotas tem direito ao benefício dos mecanismos de apoio. Ao contrário, existe uma categoria de açúcar produzido sem regime de cotas (açúcar C), exclusivamente destinado para ser exportado sem restituição e no qual a produção varia segundo os preços em vigor no mercado mundial.

Os mecanismos de apoio dos preços repousam sobre dois preços institucionais. O primeiro é chamado de “preço mínimo”, e este é o preço que os produtores de açúcar compram a beterraba dos agricultores. Para as safras de 1995/1996 até 2000/2001, a quantidade anual autorizada de açúcar sobre as cotas, foi fixada ao redor de 14.6 milhões de toneladas.

Um preço de intervenção é igualmente previsto, dentro da hipótese de compra de uma produção de açúcar pelos organismos de intervenção. Na França, este organismo é o Fundo de Intervenção e de Regularização do Mercado de Açúcar, o *FIRS*.

O principal objetivo do *FIRS* é apoiar as empresas açucareiras (fabricantes e negociantes) em relação às regras impostas pela OMC, como também apoiar as empresas que utilizam o açúcar em suas exportações sob a forma de frutas e legumes industrializados ou então que incorporam o açúcar na sua fabricação (algumas indústrias químicas e farmacêuticas). Devido a situação atual do mercado mundial do açúcar, o montante gasto pelo *FIRS* nos últimos anos corresponde, aproximadamente, 700 milhões de Euros.

Brasil

De acordo com Moraes, no Estado de São Paulo, foi constituído, em meados de 1997, um grupo técnico e econômico, formado por representantes dos produtores de cana e dos industriais, com o objetivo de desenvolver um novo sistema para a remuneração da cana-de-açúcar (CONSECANA), e de apresentar regras mínimas para o relacionamento entre as partes, considerando que o governo não mais estabelecerá os preços para a cana de açúcar a partir da desregulamentação do setor.

Dessa maneira, o estabelecimento do preço da cana-de-açúcar passou a seguir o preço de ATR (*Açúcar Total Recuperável*), ou seja, a remuneração da cana-de-açúcar passou a ser feita de acordo com a pureza do caldo e a Pol% da cana que servem de base para calcular a quantidade de ATRs, que entra no cálculo do preço da tonelada de cana (Moraes, 2000).

Neste modelo de pagamento, o valor da tonelada da cana é determinado a partir da quantidade de ATRs contidos na matéria-prima entregue pelo produtor e pelo valor do ATR, obtido em nível estadual (ponderada em função dos preços dos produtos fabricados pela usina, açúcar e/ou álcool), praticados nos mercados interno estadual e externo.

Portanto, fica clara a grande diferença em relação a (des) regulamentação do setor nos dois países, pois completamente contrário ao sistema de cotas utilizado na França, no Brasil os preços ficam sujeitos ao regime de preços liberados.

As Transações no setor

Brasil

O mercado de cana-de-açúcar possui características peculiares como: cultura de ciclo longo e sazonal, que requer planejamento de longo prazo, com problemas de comercialização de curto-prazo; perecibilidade por não ser um produto armazenável, com época certa para ser colhida e dificuldade para ser transportada a longas distâncias; custo de transporte que inviabiliza transporte de longas distâncias restringindo seu mercado.

Dessa forma, percebe-se que a especificidade de ativos envolvidos na transação da cana-de-açúcar são altos nos aspectos locacional (distância entre produtor e usina), físico (moendas de cana, tanques de armazenamento de álcool) e temporal (pericibilidade da cana e problemas de concentração do fornecimento de cana em determinadas épocas).

Dadas as características dos ativos envolvidos nesta transação, fica caracterizada a existência de transação bilateral entre as partes e espera-se que a transação de comercialização da cana seja feita através de relações hierárquicas:

- Usinas que são donas das terras onde se planta cana através de sua estrutura gerencial, sob o seu comando decisório, caracterizando **integração vertical**. (contrato de fornecimento entre os agentes).
- **Arrendamentos** de terras de produtores por usinas, constituindo cana onde a usina tem controle total, mas não é dona dos ativos envolvidos na produção (terras).
- **Produtores Especializados**: estes são os produtores de cana, que são especializados na atividade de produção (não realizam esmagamento), estando ligados “**contratualmente**” (apesar de ser ainda informal) às usinas (Neves, 1998).

França

Na França, todas as transações e relações entre os plantadores e os fabricantes de açúcar são extremamente formais pois, devido ao fato de existir um regime de cotas e divisão de produção de açúcar de beterrabas em quantidade base A, B e C, as usinas devem, previamente, definirem sua produção e acertarem em forma de contrato, a quantidade de beterrabas que irão comprar como também a quantidade de açúcar que irão produzir.

A seguir seguem algumas regras que estabelecem as relações de compra dos três tipos de cotas entre os plantadores e os fabricantes :

COMPRA DE BETERRABA	
Cota A	<p>As cotas A são baseadas a partir dos níveis de produção históricos e são aproximadamente iguais aos níveis de consumo em cada Estado-Membro no momento em que as cotas foram implementadas.</p> <p>A quantidade de tonelada atribuída a cada usina é repartida entre todos os plantadores sobre a forma de direitos A. Esses direitos devem ser notificados pelas usinas a cada plantador.</p>
Cota B	<p>As cotas B são estabelecidas de acordo com a média de produção eficiente dos Estados-Membros e que apresentam a possibilidade de expandirem suas produções, o que é chamado de “princípio da especialização”. As cotas B representam um mínimo de 10% em relação às cotas A e representam uma média dos três melhores anos de 1975 a 1981.</p>
Cota C	<p>O açúcar produzido em excesso, ou seja, que ultrapassa a quantidade somada de cotas A e B (Açúcar C), não pode ser vendido no mercado europeu doméstico e ele deverá ser comercializado no mercado mundial sem restituição de exportações dentro de um ano. Açúcares B e C podem ser guardados para serem comercializados no ano seguinte, porém com um limite máximo de até 20% em relação a cota A (açúcar “bloqueado”).</p>

O CIPS, *Comitê Interprofissional dos Produtores de Açúcar* é responsável pelos acordos profissionais entre os plantadores de beterraba e os fabricantes de açúcar. Ele

coordena a comercialização de açúcar que fica fora das cotas (obrigatoriamente exportado para fora da União Européia).

O preço de intervenção do açúcar é determinado pelo Conselho a cada ano. Ele representa o preço mínimo garantido para que cada agência de intervenção nacional possa comprar todo o açúcar branco produzido dentro das cotas. Os açúcares A e B serão oferecidos quando os preços do mercado europeu estiverem abaixo do preço de intervenção. O preço de intervenção para o açúcar bruto é derivado do preço do açúcar branco, deduzindo uma correção de margem e peso que ocorrem durante o processamento deste açúcar.

Segundo o FIRS, o preço base da tonelada de beterraba (com 16% de riqueza em açúcar) em 2000 foi de 47,67 Euros. O Preço de Intervenção do açúcar branco foi de 63,16 Euros. Já o preço de intervenção do açúcar bruto foi de 52,37 Euros cada 100 kg.

Futuro do Setor

Fusões

O processo de fusões e aquisições na agroindústria açucareira do Brasil se caracteriza devido principalmente:

- ao aumento da presença de grandes grupos locais como Grupo José Pessoa, Grupo Cosan, Carlos Lyra, entre outros.
- A entrada no mercado doméstico de um grande número de atores como o Grupo Louis Dreyfus, Béghin-Say e as francesas SDA e Sucden.
- A concentração de poder de compra na região sudeste do Brasil, principalmente no Estado de São Paulo, onde os custos de produção são menores, e
- Ao aumento no número de Fusões & Aquisições nos anos de 2000 e 2001.

Em se tratando de Fusões e Aquisições exclusivamente entre o Brasil e a França, segue abaixo as empresas francesas que já realizaram F&A e aliança estratégicas com o Brasil.

Béghin-Say

Fundada em 1821, na França, é resultado da fusão entre F. Béghin com a Etablissements Say formando a Eridania Béghin-Say (EBS). Em abril de 2002, separou-se da EBS, ficando independente, sob o nome de Béghin-Say. A empresa já demonstrou interesse no país em junho de 2001, ao adquirir a Açúcar Guarani SA, que tem duas unidades produtoras nas cidades paulista de Olímpia e Severínia.

Union DAS

Fundada em 1999, com sede na França, através da fusão da Sucreries et Destilleries de l'Aisne e da Sucrerie-Distillerie d'Artenay formando esta cooperativa. Atua no Brasil desde novembro de 2000. Tem experiência em aquisições, pois com a SucDen e o grupo Cosan formaram a **FBA** – Franco Brasileira Açúcar e Álcool SA, que adquiriram a Univalem em abril de 2001, na qual a SucDen detém 5% de participação. Além disso, a FDA detém a Usina Gasa.

Em outubro de 2002, o consórcio Origny-Naples, formado pelas cooperativas francesas Union SDA e a Union BS assinou acordo com o grupo italiano Edison para comprar sua participação de 53,8% na produtora de açúcar Béghin-Say, também francesa. (Gazeta Mercantil, 04/11/02).

O que vem sendo discutido por alguns estudiosos sobre o assunto é que, com a ampliação da União Européia (entrada dos países da Europa do Leste) as grandes empresas do setor açucareiro francês estão agindo de maneira antecipativa, ou seja, estão desenvolvendo estratégias de fusões, aquisições e alianças, prevendo que a atual PAC (Política Agrícola Comum) não será capaz de continuar subsidiando a produção europeia como vem fazendo.

7. CONCLUSÕES

Neste trabalho foi possível observar a grande diferença que existe entre a produção e a industrialização do açúcar na França e no Brasil.

Quadro Resumo Final 2000

	Brasil	França
Produção de Açúcar	15.900.000 ton	4.494.000 ton
Preço do Açúcar	US\$ 210 ton	US\$ 600,00 ton
Área colhida	4.845.990 ha	410.000 ha
Produção	327.704.992 ton/cana	31.131.000 ton/beterraba
Rendimento	67,62 ton/ha	75,92 ton/ha
Nº de Usinas	133 (Estado SP)	35 + 5 (DOM) = 40
Grupos	4 Maiores - Copersucar - COSAN - Crystalsev - Grupo J. Pessoa	4 Maiores - Eridania Beghin-Say - Saint Louis Sucre - Groupe SVI - Groupe CFS
Setor	Desregulamentado	Regulamentado
Instituições	CONSECANA	FIRS (Protecionismo – PAC)

Fonte: o autor, 2002

Partindo da análise da origem da matéria-prima, passando pela composição dos grandes grupos responsáveis pela comercialização do açúcar, a enorme diferença da regulamentação do setor e as relações formais e informais entre produtores e fabricantes, pôde-se, por outro lado, observar que os dois países estão buscando investir cada vez mais na melhoria de seus processos e no aumento de suas produtividades.

A Teoria da Organização Industrial enfatiza a intensidade da concorrência como sua principal causa e portanto, tanto o surgimento dos grandes grupos europeus como as fusões e aquisições entre eles e grupos nacionais comercializadores de açúcar, estão contribuindo para esta competitividade. Como os custos de transação são sensíveis ao ambiente institucional, isso significa que, para a mesma tecnologia adotada, podem ser observados diversos padrões de integração vertical e horizontal, igualmente eficientes entre países ou regiões. O tamanho eficiente da firma depende, portanto, de variáveis tecnológicas e organizacionais.

8. BIBLIOGRAFIA

- FARINA, E. M. M. Q.; Azevedo, P. F.; Saes, M. S. M.; *Competitividade: Mercado, Estado e Organizações*. Editora Singular, Fapesp, Pensa, 1990.
- MALHOTRA, N.K. – *Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada*, 3ª Edição, Ed Bookman, Porto Alegre, 2001
- MORAES, M.A.F.D. *A Desregulamentação do Setor Sucroalcooleiro do Brasil*. Coleção Cepea, Caminho Editorial, 2000.
- MORAES, M.A.F.D.; BARROS, G.S.C. *A desregulamentação do setor sucroalcooleiro: arenas decisórias, os atores e seus recursos de poder*. Revista de Economia Política – Brazilian Journal of Political Economy. Com aceite para publicação.
- MORAES, M.A.F.D.; SHIKIDA, P.F.A.; *Agroindústria Canaveira no Brasil: Evolução, Desenvolvimento e Desafios*. Editora Atlas, São Paulo, 2001.
- MORVAN, Y. *Filière de Production*, in Fondaments d'économie industrielle, Economica, 1985.
- NEVES, M.F.; WAACK, R.S. & MAMONE, A. – *Sistema Agroindustrial da Cana-de-Açúcar: Caracterização das Transações entre Usinas e Empresas de Alimentos* - Anais do XXXVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural - SOBER, Poços de Caldas, M.G., 12 a 15 de agosto de 1998, 19 pg. (aceito, a ser publicado em agosto de 1998).
- NEVES, M.F.; WAACK, R.S. & MARINO, M.K. – *Sistema Agroindustrial da Cana-de-Açúcar: Caracterização das Transações entre Empresas de Insumos, Produtores e Usinas* - Anais do XXXVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural - SOBER, Poços de Caldas, M.G., 12 a 15 de agosto de 1998 . (aceito, a ser publicado em agosto de 1998)

RABOBANK (1999) – ***The World of sugar and sweetness*** -
Netherland, 1999.

SCHERER, F.M. *Industrial Market Structure and Economic Performance*. USA: Houghton Mifflin Company, 2^a ed..1990.

SCHERER, F.M.; ROSS, D. *Industrial Market Structure and Economic Performance*. USA: Houghton Mifflin Company, 1990.

VIAN, C.E.F. *Inércia e Mudança Institucional: Estratégias Competitivas do Complexo Agroindustrial Canavieiro no Centro-Sul do Brasil*. Dissertação de Doutorado apresentada ao Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas para título de Doutor em Economia, 2002.

WILLIAMSON, O. E. *The Economic Institutions of Capitalism: Firms, Markets, Relational Contracting*. New York: The Free Press, 1985.

ZYLBERSZTAJN, D. *Conceitos Gerais, Evolução e Apresentação do Sistema Agroindustrial*. Economia & Gestão dos Negócios Agroalimentares, 2000.

Outras referências

- **AGRESTE** – La statistique agricole do Ministério da Agricultura, da Pesca, da Economia, Finanças e d' *Outre Mer* - www.agreste.agriculture.gouv.fr
- **CEDUS** *Centre d'Etude et de Documentation du Sucre*, França
- **CGB** *Confederation Generale des Planteurs de Betterave* - www2.cgb-france.fr
- **CONSECANA** – *Conselho do Produtores de Cana-de-Açúcar, Açúcar e Álcool do Estado de São Paulo.*
- **INFORMATIVO ÚNICA** – várias edições
- **INRA** Institut National de la Recherche Agronomique – www.inra.fr
- **JORNAL CANA** – várias edições
- **JORNAL GAZETA MERCANTIL**
- **LE SUCRE** www.lesucre.com
- **ORPLANA** – Organização dos Plantadores de Cana do Estado de São Paulo – www.orplana.com.br
- **SENADO FRANCÊS** - www.senat.fr
- **SUGAR ON LINE** – www.sugaronline.com
- **ÚNICA** – União da Agroindústria Canavieira de São Paulo
- **USDA** United States Development of Agricultures